
“O uso da cultura como recurso em estratégias de resistência do Coletivo Estação Saracura Vai-Vai”¹

Milena S Signor Avelar²
Allen Margarita Hernández De Moya El Hage³
Andreia Lazzari Chiovatto⁴
Barbara Neves Magalhães Mugnaini⁵

Universidade Paulista – UNIP, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo apresenta um recorte da pesquisa em andamento na região do Bixiga, área central de São Paulo. Como objetivo, analisamos as discussões/debates em torno das obras de construção da estação do Metrô no local, mais especificamente, uma roda de conversa promovida pelo coletivo Estação Saracura Vai Vai; onde foram compartilhados os desdobramentos e as estratégias definidas para atuação do grupo, em decorrência dos achados na escavação da obra.

Por meios desta análise, buscamos compreender sentidos de comunicação urbana (Caiafa, 2020; Pereira; Rett e Bezerra, 2021), construídos por eles, e o uso que fazem da cultura como recurso (Yúdice 2013) e como resistência na busca pela preservação da memória do Quilombo Saracura. A metodologia usada é o trabalho de campo de inspiração etnográfica/cartográfica digital (Instagram) e presencial.

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação Urbana; Bixiga; Coletivo Estação Saracura Vai Vai.

Localizada na área central da cidade de São Paulo, a região do Bixiga é um local com contornos geográficos não oficiais que se encontra inserido nas delimitações formais do bairro da Bela Vista. A circunscrição do território, permeada por simbolismos e por noções subjetivas de identificação e pertencimento territorial, se apresentam nos limites dados por seus frequentadores e moradores.

A história do Bixiga remete a uma origem de ocupação realizada primeiramente por indígenas e negros, seguida pela presença de imigrantes italianos na virada do século

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2024.

² Doutoranda em Comunicação no PPG Comunicação na Universidade Paulista – UNIP (Bolsista CAPES PROSUP). Mestre em Comunicação pela UNIP. Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: signormila@hotmail.com

³ Allen Margarita Hernández De Moya El Hage, advogada, graduanda em Nutrição e Mestranda em Comunicação pela Universidade Paulista UNIP (Bolsista CAPES/PROSUP). Membro do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: allen.hage@uol.com.br

⁴ Andreia Chiovatto. Graduada em Artes Visuais e mestranda em Comunicação no PPG Comunicação – Universidade Paulista – UNIP (Bolsista UNIP). Pesquisadora do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: chiovatto.andreia@gmail.com

⁵ Barbara Neves Magalhães Mugnaini, nutricionista e tecnóloga em gastronomia. Membro do GP (CNPq) URBESOM. E-mail: bmugnaini@gmail.com

XIX e XX. Após, registra-se a chegada de migrantes oriundos do nordeste do Brasil no território (o que se dá nas décadas de 1960 e 1970) e, mais recentemente, observa-se a marcante presença de imigrantes e refugiados da África e da Palestina (Pereira *et al*, 2023).

Este território múltiplo, sempre em disputa, de interesse de pesquisadores, admiradores e de moradores do bairro, vivencia uma atual e intensa discussão sobre defesa do legado do chamado Quilombo Saracura, muito em voga por conta da reivindicação da preservação do legado e do sítio arqueológico encontrado no ano de 2022 durante as escavações para uma das futuras estações do metrô da linha 6 – Laranja que se encontra em construção no bairro (Pereira; Avelar, 2024).

Neste artigo, apresentamos uma atualização das nossas reflexões e debates em torno do coletivo “Estação Saracura Vai Vai”, cuja atuação já foi objeto de análise em outras oportunidades. Suas atividades englobam reivindicações dos grupos negros e afrodescendentes e demais aliados do bairro e da cidade sobre o projeto que envolve a construção da futura estação do metrô e que ao longo de sua atuação iniciada em 2022, vem se reformulando como estratégia frente as resistências. Entre suas reivindicações estavam a alteração do nome da estação e criação de um memorial que contribuísse para preservação da memória do Quilombo⁶, especificamente, vamos analisar e discutir uma roda de conversa promovida pelo Coletivo com o objetivo de promover, engajar e atrair visibilidade para a causa desdobrando as atividades do grupo, ao longo deste processo.

O Quilombo Saracura foi o lar das pessoas escravizadas que escapavam das fazendas ou das feiras para comercialização dos escravos no Vale do Anhangabaú, entre o século XIX e início do século XX, localizado às margens do Ribeirão Saracura⁷. Por conta das características geográficas e proximidade ao centro da cidade, este importante quilombo urbano, assim como os demais, ofereciam uma chance maior de esconderijo para os foragidos (Nascimento, 2014).

⁶ Em 2023, no 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM 2023 / PUC MINAS, foi apresentado artigo se referindo à atuação do coletivo, com o título “Coletivo Estação Saracura Vai Vai e redes de comunicação urbana: uma análise das discussões em torno das obras do Metrô na região do Bixiga – São Paulo”

Disponível em:

https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0815202319290364dbfc2ff1019.pdf

Último acesso em 26/05/2024.

⁷ Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/quilombo-saracura-a-busca-pela-preservacao-das-memorias-encontradas-nas-obras-do-metro-em-sao-paulo/>

Último acesso em: 12/06/2024.

Entre os que levantam vozes para a preservação do patrimônio histórico do antigo Quilombo do Saracura, ganha destaque o Coletivo “Estação Saracura Vai-Vai”, formado por moradores do bairro, coletivos do movimento negro, sambistas, estudantes, pesquisadores e outros ativistas e demais aliados na cidade. O Coletivo explica que para defender a permanência da população negra em seu território, é necessário reconhecer, preservar e valorizar este patrimônio. Patrimônio este que é definido por eles como a herança, os valores, a história, costumes e ensinamentos recebidos dos antepassados e que são parte da resistência, a qual, segundo o Coletivo, os traz até os dias atuais e permite que eles se reconheçam entre si. Durante as escavações da obra para a passagem do metrô da linha 06 – laranja, no Bixiga, os itens encontrados trouxeram à tona uma complexidade de elementos que podem ser analisados pelas mais diversas perspectivas, mostrando-se especialmente relevantes – complexidade esta tanto pela natureza dos objetos encontrados; quanto pelo momento desta descoberta e a maneira com que o coletivo se valeu desta informação e incluiu em sua narrativa tal fato. E isso contribuiu para as reflexões sob a ótica dos estudos da comunicação urbana, arquitetura e urbanismo, geografia, ciências sociais e demais áreas do conhecimento que abordam convivências e interações, ou seja, o viver nas cidades.

Nas demandas da resistência que se vinculam com a preservação de sua história, evidenciamos o que Yúdice (2015) chamou de um ethos cultural, que constituiria uma dimensão social da cidadania que pode ser estabelecida levando em conta as carências dos grupos subalternizados, seus desejos e seu imaginários. Tão importante quanto, é a invocação do uso da cultura como recurso (Yúdice, 2015), já que no conflito em curso presenciamos a estratégia em dar importância à geração de valores simbólicos que produzam riqueza cultural (e não só econômica), pauta amplamente discutida e provocada pelo Coletivo quando reivindica a preservação da memória do Quilombo Saracura.

Igualmente dialogamos aqui com o conceito de Haesbaert (2002) sobre território como um produto de uma relação desigual de forças, envolvendo o domínio ou controle político do espaço, bem como de suas apropriações simbólicas, ora conjugado, reforçado e contraditoriamente articulado (Haesbaert, 2002, p.121) como espaço apropriado, vivido, disputado, simbólico, marcado de memória (lembranças e esquecimentos), sentidos afetuais, etc.

Apresentando as atividades do Coletivo, nosso foco neste artigo que é a roda de conversa ocorrida em 19/08/2023, em um evento aberto ao público, que aconteceu em

uma rua ao lado das obras da estação do metrô⁸. Tal evento integrou a agenda de trabalho da Jornada do Patrimônio Cultural⁹, iniciativa do Governo do Estado de São Paulo.

Além de expressar sua reivindicação, na própria chamada/convite à participação no evento (feita através das plataformas sociais e em eventos presenciais que antecederam a roda de conversa), o Coletivo já fazia uma abordagem ressaltando a importância da participação, do engajamento da comunidade e dos simpatizantes do bairro nas discussões em torno da obra. Também pelas plataformas sociais o Coletivo já apresentava uma pauta que dava visibilidade aos apresentadores/mediadores da roda, o que incluía suas formações e áreas de atuação: jornalistas, doutores na área da comunicação, músicos, compositores, instrumentistas, especialistas em planejamento urbano, líderes religiosos de matrizes africanas, educadores e pesquisadores.¹⁰ Esta estratégia de abordagem, além de evidenciar a consolidação de múltiplas áreas de interesse militando por uma causa comum, remete aos aspectos das formações de redes múltiplas nas cidades em seus nós, dinâmicas e associações, bem como traz sinais de uma luta não institucionalizada e mais autônoma por espaços, sendo atravessado por lógicas nas quais o capital financeiro e a luta política também estão em jogo. Essa abordagem vai ao encontro do que é afirmado por Pereira e Bezerra (2021), que aproximam a noção de comunicação urbana com movimentos por moradia e direito ao centro da capital paulistana, evidenciando ativismos artísticos/urbanos, entre outros. Em suas chamadas, publicações e nos materiais de divulgação das atividades, o Coletivo explica que é muito importante esta luta pela manutenção da população afrodescendente no Bixiga, pois segundo eles, esta população é a maioria, e que pratica modos de vida que valorizam a riqueza cultural e a diversidade no bairro. Eles argumentam também que a riqueza econômica, social e religiosa do Bixiga foi construída também por esta população desde a sua origem; um argumento que dialoga com o que Pereira e Bezerra (2021) apresentam sobre as disputas em jogo nestes espaços. Nas movimentações deste Coletivo, também se observa uma aproximação com as noções de um ativismo urbano mais geral ou amplo, que se mostra ligada aos novos movimentos sociais de ocupação e insurgência urbana (Harvey, 2014; Holston, 2009) o que se esboça

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwLaF-OtTIV/>
Último acesso em: 14/06/2024.

⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvxNeNnL2cC/>
Último acesso em 14/06/2024

¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CvxNeNnL2cC/>
Último acesso em 27/04/2024.

em São Paulo, entre outras frentes, na reivindicação da cidade e ao seu centro, vinculado às movimentações e subversões artísticas (Pereira e Bezerra, 2021) evidenciadas em assuntos que não são o principal, mas que sempre estão interligados à reivindicação do coletivo Estação Saracura Vai-Vai.

A roda de conversa realizada na rua interditada por estar ao lado dos tapumes que protegem a construção onde será uma das entradas da estação do metrô, teve seu início com a apresentação das pessoas que fazem parte do Coletivo, explicando sua atuação e apresentando suas experiências pessoais (através de seus trabalhos ou área de interesse não necessariamente vinculados à causa comum), usados como formas de exemplo e para dar materialidade à discussão.

Passadas as apresentações, um dos responsáveis pela organização do encontro destacou que o movimento surgiu, principalmente, por um desejo conjunto de preservação da memória do bairro e que tal memória, naquele momento, estaria emergindo da terra, materializada nos itens arqueológicos encontrados durante as escavações da obra do metrô. A narrativa continuou com a contextualização para a plateia, sobre a história do Bixiga, onde se fez referência a um tempo passado quando a área era considerada distante do centro, inacessível, insalubre e montanhosa – o que segundo a narrativa, favoreceu a escolha do lugar para nele se constituir um quilombo.

O relato aponta que entre as maiores dificuldades vividas na formação do Coletivo foi o fato de que os próprios moradores acreditavam que não havia materialidade que explicasse ou justificasse o argumento de que no Bixiga, havia um quilombo. Também se fez presente que, nos documentos de acesso público e nos livros de história local, havia poucas referências sobre o Quilombo do Saracura, fazendo com que os achados nas escavações da obra fossem vistos pelo Coletivo como um ganho.

Em linhas gerais, no encontro se revelou que a partir do momento em que o Coletivo começa a “tensionar” o processo (palavra usada diversas vezes por mais de um participante), vê-se uma mudança palpável nas frentes de atuação: inicialmente, houve um reconhecimento de que no território, sim havia um quilombo; em seguida, mudou-se o nome da obra/sítio, antes chamado de 14 Bis em referência a uma praça próxima, passando a ser chamado de “Sítio Quilombo Saracura Vai-Vai”. Na sequência, o consórcio de construtoras que administram a obra passou a admitir que as primeiras peças arqueológicas (que antes não eram minimamente associadas com qualquer matriz

religiosa), na verdade faziam parte de um local de culto religioso, lugar de suma importância e de extremo respeito entre os praticantes das religiões de matrizes africanas.

Explicou-se que, no momento em que o Coletivo entendeu que além de toda a importância da causa havia também o fato da localização estar relacionada a uma questão religiosa, houve uma mudança de estratégia de atuação que demandou que o Coletivo mostrasse tanto ao poder público, quanto ao consórcio que administrava a obra, que o que eles chamavam de material arqueológico seria, na verdade, evidência de que as escavações estariam ocorrendo em um território consagrado religiosamente e que portanto, os procedimentos lá feitos precisariam de outras abordagens. De forma geral o próprio Coletivo explicou que entendeu a importância da mudança da abordagem e como foi um motivo de alegria para a causa e para suas trocas e interações entre o grupo, as histórias irem se “materializando” ao longo das descobertas e dos achados na escavação; se antes havia uma preocupação com a falta de “materialidade” sobre a existência do quilombo (para uma espécie de oposição – não para o Coletivo); agora, este argumento não tinha mais validade.

A roda de conversa continuou e os debatedores seguiram ressaltando aos participantes que, desde o início, o que se reivindicava era a criação de um espaço de memória que acolhesse o legado do quilombo e que enaltecesse a presença desta comunidade no território do Bixiga, uma região na qual as políticas oficiais de branqueamento das memórias são inegáveis, especialmente se levado em conta o fato do senso comum nomear o bairro como reduto dos italianos.

Como consideração final preliminar, podemos apontar que analisar o desenrolar das dinâmicas de vida que se desenvolvem ao redor da construção desta estação de metrô nos mostra uma invocação da cultura como recurso e como estratégia de atuação, bem como a insurgência das vozes daqueles que foram silenciados pelas lógicas hegemônicas de poder, indicando a presença de um modelo de resistência que nos parece potente e relevante, não apenas para os pesquisadores de comunicação, mas também a muitas outras áreas do conhecimento, que buscam compreender os processos de (re)construção nas cidades a partir dos usos, dos modos de viver em comunidade. Isto é a partir das redes, fluxos, socializações e formas de comunicação urbana.

REFERÊNCIAS

Caiafa, J. (2019). **Comunicação, subjetividade e transpontos nas cidades**. *Novos Olhares*, 8 (1), 7-19.

Fernandes, Cíntia Sanmartin, et al. **Artivismos urbanos: sobrevivendo em tempos de urgências**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

Haesbaert, R. (2002). **Territórios alternativos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Contexto/Ed UFF.

Harvey, D. (2012). **O Direito à Cidade**. *Lutas Sociais*, n.29, p.73-89

Pereira, S. L., & Avelar, M. (2020). **Rede Social Bela Vista: ativismos urbanos, redes e dinâmicas comunicacionais no Bixiga**. *Animus. Revista Interamericana De Comunicação Midiática*, v.19, n.40, p.230-252.

Yudice, G. (2005). **A conveniência da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Nascimento, L.; **“Lembrança eu tenho da Saracura”: Notas sobre a população negra e as reconfigurações urbanas no bairro do Bexiga**. In: *Revista Intratextos*, 2014, vol 6, no1, p. 25-50. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2014.7099>